

DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1982-4017-190208-8118>

A RETÓRICA DA MEDIAÇÃO: DOIS MOMENTOS*

THE RHETORIC OF MEDIATION: TWO MOMENTS

LA RETÓRICA DE LA MEDIACIÓN: DOS MOMENTOS

Vanise Medeiros**

Universidade Federal Fluminense

Instituto de Letras

Niterói, RJ, Brasil

RECEBIDO EM: 10/10/18

APROVADO EM: 03/06/19

Resumo: Para este artigo foram analisadas, comparativamente, mais de cento e noventa notas de rodapé de dois dos romances indianistas de José de Alencar, a saber, *O Guarani* e *Iracema*. A análise objetivou compreender a relação entre línguas indígenas, que nelas comparecem com vigor (seja encabeçando verbete, seja em sua predicação), e língua portuguesa. Duas foram as posições discursivas observadas (do lexicógrafo e do lexicógrafo-tradutor) na composição dos verbetes. Chegou-se à conclusão de que estamos diante de um percurso que perfaz dois momentos de trabalho com as línguas indígenas, culminando na visibilidade e potência da língua indígena. O apoio teórico deste artigo se encontra na articulação entre os campos teóricos da História das Ideias Linguísticas (AUROUX, 1989; ORLANDI, 2001) e a *Análise de Discurso pecheutiana*.

Palavras-chave: Notas de rodapé. Língua. Literatura. História das Ideias Linguísticas. Análise de discurso.

Abstract: For this article we compared more than one hundred and ninety footnotes of two of the indianist novels by José de Alencar, namely *O Guarani* and *Iracema*. The analysis was undertaken in order to understand the relationship between indigenous languages, which appear widely in them (be it heading an entry, or its predication), and the Portuguese language. Two discursive positions (from the lexicographer and the lexicographer-translator) were observed in the composition of the entries. We came to the conclusion that we are faced with a path that makes up two moments of work with indigenous languages, culminating in the visibility and power of the indigenous language. The theoretical support for this article is found in the articulation between the theoretical fields of the History of Linguistic Ideas (AUROUX, 1989; ORLANDI, 2001) and *Discourse Analysis by Pêcheux*.

Key-words: Footnotes. Language. Literature. History of Linguistic Ideas. Discourse Analysis.

Resumen: Para este artículo fueron analizadas comparativamente más de ciento noventa notas de pie de página de dos romances indianistas de José de Alencar, son ellos *O Guarani* e *Iracema*. El análisis ha objetivado comprender la relación entre lenguas indígenas, que en ellas comparecen con vigor (sea encabezando entrada, sea en su predicación), y lengua portuguesa. Dos fueron las posiciones discursivas observadas (del lexicógrafo y del lexicógrafo-traductor) en la composición de las entradas. Se llegó hasta la conclusión de

* Esta é uma expressão de Authier-Revuz (1998) que serviu de mote orientador para este artigo.

** Docente da UFF. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6998-9377> E-mail: vanisegm@yahoo.com.br.

que estamos delante de un curso que hace dos momentos de trabajo con lenguas indígenas, culminando en la visibilidad y potencia de la lengua indígena. El apoyo teórico de ese artículo se encuentra en la articulación entre los campos teóricos de la Historia de las Ideas Lingüísticas (AUROUX, 1989; ORLANDI, 2001) y el Análisis del Discurso de Pêcheux.

Palabras clave: Notas de pie de página. Lengua. Literatura. Historia de las Ideas Lingüísticas. Análisis del discurso.

Os tupis chamavam a tarde caruca, segundo o dicionário. Segundo Lery, che caruc acy significa “estou triste”. Qual destes era o sentido figurado da palavra? Tiraram a imagem da tristeza, da sombra da tarde, ou imagem do crepúsculo, do torvamento do espírito? (Alencar, Iracema)

1 DOBRAS SOBRE A PALAVRA

Há sempre algo a mais a ser investigado em Alencar. Voltar a Alencar é voltar ao século XIX com suas questões imbricadas e inesgotáveis sobre língua, literatura, nação, entre outras. É também voltar a uma prática recorrente ao escritor do século XIX: escrever sobre seus próprios escritos, glosá-los, levá-los para as bordas na forma de advertências ou de notas de rodapé, expandi-los para um suposto exterior ao romance que dele não escapa; desdobrá-los, enfim, em um vaivém de lugares do dizer e do dar a saber. É uma prática que faz parte da historicidade do romance no século XIX, na França, em Portugal, na Alemanha, para citar alguns países da Europa, bem como no Brasil, e que deixa marcas na literatura brasileira dos séculos XX e XXI, que a ela retorna, desloca, subverte (MEDEIROS, 2016a). Uma prática que ainda suscita investigações.

Para este artigo, são consideradas como objeto de análise as notas de dois romances indianistas de Alencar, a saber, *O Guarani* e *Iracema*, e nelas o foco recai sobre o gesto de captura de línguas indígenas. Nos dois romances, línguas indígenas comparecem nos verbetes que constituem as notas (de final das partes do livro, caso de *O Guarani*, ou de rodapé, caso de *Iracema*)¹. Ao lê-las, relê-las e confrontá-las, algumas perguntas se fizeram presentes: dado que línguas indígenas comparecem neste espaço ao lado da língua portuguesa², como se dá a relação entre as línguas? Até que ponto estaríamos diante de momentos distintos da relação entre língua portuguesa e o que se traz como línguas indígenas? Tal inquietação resultou no seguinte objetivo: analisar, nos verbetes destes dois romances indianistas, a relação que se estabelece entre línguas indígenas e língua portuguesa. É o que se pretende tendo como caminho teórico a articulação entre os campos teóricos da História das Ideias Linguísticas (AUROUX; ORLANDI) e a Análise de Discurso pecheutiana.

¹ Há um terceiro romance, *Ubirajara*, com notas voltadas para língua indígena, que não será, contudo, objeto de análise neste artigo.

² Uma observação necessária: como a denominação *língua brasileira* não se apresenta nestes escritos sobre os romances em foco, e como comparece em alguns deles a denominação *língua portuguesa*, caso, por exemplo, da *Carta ao Dr. Jaguaribe*, ao final da primeira edição de *Iracema*, é esta a que será usada neste artigo. Não estamos, pois, entrando nas polêmicas sobre a nomeação da língua.

Antes de prosseguir, é preciso trazer alguns outros questionamentos que fazem parte da reflexão a ser tecida. Nas notas de Alencar, línguas indígenas são postas em contato com a língua dita portuguesa. Em que consiste pôr línguas em contato? Como funciona tal contato se considerarmos a dissimetria entre línguas consideradas ágrafas e não-ágrafas? Quais os efeitos desse trabalho com as línguas? Estranhamento ou proximidade? Equivalência entre línguas ou manutenção da distância? Hierarquia entre línguas? Apagamento de uma delas? São perguntas que povoaram as leituras e que não se esgotam; antes indicam a complexidade do gesto que coloca línguas em contato, no caso, em notas³.

Tendo como alvo o contato entre línguas, duas são as posições discursivas enlaçadas que tal gesto nos permite depreender nas notas: a do lexicógrafo e a do tradutor. Acerca da posição discursiva, Nunes explica que:

a posição do lexicógrafo não remete diretamente a um ou outro autor, mas sim ao lugar que determina o que pode e deve ser definido em determinadas circunstâncias. Este lugar pode ser ocupado por um ou outro sujeito empírico. O que importa são as projeções imaginárias que aí se constroem [...] (NUNES, 2003, p. 13)

A explicação se estende, pois, a uma outra posição discursiva que estamos trazendo para a atual reflexão: a do tradutor, ambas como projeções imaginárias a partir de uma prática e de uma memória sobre um certo fazer. Antes de prosseguir, importa lembrar que, em outro trabalho (MEDEIROS, 2017a), as notas de Alencar, no caso do romance *O Guarani*, serviram a uma reflexão sobre a construção da evidência, o efeito de verdade, a partir do discurso da história (GINZBURG, 2007; HARTOG, 2013), o que nos levou a observar a relação da escrita literária com a escrita da história no século XIX. Agora nosso olhar recai sobre a relação entre línguas indígenas e língua portuguesa nas notas desses dois romances, o que nos levou, como sinalizado, a discernir duas posições, a do lexicógrafo e a do tradutor, imbricadas na metalinguagem que organiza a mediação entre as línguas, que indicaremos como *posição lexicógrafo-tradutor*. É uma mediação tecida no fio heterogêneo que se expõe e se encobre, que se explicita e se refugia num suposto não dizer, que revela e que cala, que se mostra no que marca e que se salvaguarda no não marcado, para pensar com Authier-Revuz (1998).

Partindo da concepção de uma heterogeneidade que constitui todo e qualquer dizer (heterogeneidade constitutiva), heterogeneidade não observável na língua, mas condição do dizer, Authier-Revuz vai propor uma outra instância, observável e analisável, para pensar a inscrição do discurso outro no dizer: a heterogeneidade mostrada, que, por sua vez, pode se apresentar marcada (por meio de aspas ou discurso direto, por exemplo), ou não marcada no fio discursivo (a alusão, por exemplo). São muitas as formas de heterogeneidade marcada que aparecem nas notas em foco: citações, referências a fontes, discurso direto e indireto, glosas, itálico, por exemplo. São marcas que sustentam o trabalho com as línguas indígenas e que dizem também do lugar das línguas indígenas. Iremos nos ater, então, a algumas delas para pensar tal lugar na relação entre línguas.

³ Vamos nos ater às notas, embora tal gesto compareça também por vezes sob a forma de glosas nos romances.

Este artigo se divide em duas grandes partes, destinadas às notas de cada um dos romances. Cabe destacar que em ambas serão feitas análises que recuperam os dois romances em foco. Ao final, expõe-se o percurso de trabalho com as notas dos romances e chega-se ao título do artigo: retórica da mediação.

2 O GUARANI

O Guarani, romance indianista de Alencar, publicado em 1857, é anterior a *Iracema*, de 1865⁴. Nele se encontram mais de setenta entradas de verbetes ao final de cada parte intituladas por Notas que se compõem de nomes próprios de personagens históricos (*D. Pedro da Cunha*, *D. Diogo de Mariz*, entre outros), além de um número significativo de entradas em que trata da flora no Brasil (*O cacto*; *Graciola*, *Sapucaia*, *Árvore de Ouro*, *Óleo*, *Jasmineiro*, por exemplo.). Há alguns sobre a fauna (*Colhereira*, *Formigueiro*, por exemplo) e há ainda aqueles em que se leem costumes dos indígenas (*Sacrifício*, *Veneno*) e do colonizador (*Brasão D'Armas*, *Pistoletes*). Faz-se, portanto, **saber** dos personagens históricos que se encontram no romance, da flora e da fauna brasileira, dos costumes dos colonizadores e dos indígenas, e dá-se a saber também da língua indígena, como veremos nos verbetes analisados. São notas que se avizinham a um fazer enciclopédico e/ou dicionarístico (MEDEIROS, 2017a⁵). Nossa investigação recai sobre o funcionamento da relação entre as línguas nestas notas. De imediato, o que salta aos olhos são as entradas majoritariamente em língua portuguesa e a língua indígena comparando de forma saliente marcada em itálico na predicação.

O cacto – Temos diferentes espécies de cacto; os mais lindos são o branco, o rosa e o amarelo, a que os indígenas chamavam *urumbeba*. Todos eles abrem à meia-noite e fecham ao desapontar do sol. (*O Guarani*, nota 21, itálico do autor⁶)

Formigueiro: No sertão encontram-se frequentemente essas observações subterrâneas, feitas por uma formiga, a que os índios chamavam *taciaí*. (*O Guarani*, nota 28, itálico do autor)

Veneno – Os indígenas fabricavam diversos venenos, e sua perfeição foi objeto de admiração para os colonizadores. Humboldt, à vista dos seus conhecimentos toxicológicos, concluiu que devia ter havido na América antigamente uma grande civilização, e que dela haviam os selvagens herdado esses usos. Os dois principais desses venenos eram o *bororé* e o *uirari*. (*O Guarani*, nota 34, itálico do autor)

Há, em grupo menor, entradas referenciadas como sendo de língua indígena ou que remetem ao universo indígena (caso, por exemplo, de *Guanumbi*, *Biribá*, *Irara*, *Ticum*, *Tamandaré*, *Igara*, *Curaré*, *Pequiá*).

⁴ *Ubirajara*, de 1874, é posterior a estes dois romances.

⁵ Com Rey-Debove (1984) compreendemos estes dois gestos como distintos: os que portam saberes sobre a língua aproximando-se de um fazer dicionarístico, isto é, saberes que recaem sobre a palavra e que comportam metalinguagem; e os que versam sobre saberes sobre o mundo (natureza, religião, costumes, por exemplo) avizinando-se a um fazer enciclopédico.

⁶ Iremos indicar a numeração das notas nos romances e não as páginas. Foram consultadas e analisadas as notas de rodapé da primeira edição de *O Guarani*, de 1857, e as da edição de 1957. O mesmo foi feito com *Iracema*, em que consultamos a primeira edição, de 1865, e a de 1957.

Guanumbi – Segundo uma tradição dos índios, o colibri que conheciam pelo nome de *guanumbi* levava e trazia as almas do outro mundo. (*O Guarani*, nota 37, itálico do autor)

Biribá: Era a árvore que os indígenas tiravam fogo por meio de atrito, roçando fortemente um fragmento de encontro ao outro. B da Silva Lisboa – Anais. (*O Guarani*, nota 12)

Posta em itálico na predicação – heterogeneidade mostrada que dispõe em relevo um léxico como de lugar outro, qual seja, do universo indígena –, a língua indígena comparece, predominantemente, em posição sintática de objeto, predicativo, complemento ou adjunto em enunciados definidores tais como: *os indígenas chamavam X (LI⁷); eram X(LI) e W(LI); que conheciam pelo nome de X(LI)*. São poucos os verbetes em que a língua indígena ocupa a posição sujeito (o que ocorre nos limitados casos em que encabeçam os verbetes, como vimos em *Biribá*). As definições, por sua vez, não abrem para a polissemia; as fórmulas mais constantes são:

X (LP⁸) chamavam (LI), ou

X (LP) eram (LI),

e nos poucos casos de verbetes encabeçados por léxico indígena,

Y (LI) era X (LP).

São fórmulas que fazem supor universos linguísticos como equivalentes: *a X (LP) se chama Y(LI)*, por exemplo. Algumas são as ponderações a partir dessas observações.

Nunes, em seu artigo sobre dicionários bilíngues português-tupi e tupi-português (2015), assinala para a direção dos primeiros dicionários que se fizeram sobre línguas indígenas no Brasil: português-tupi. Tal direção indicava o aprendizado do tupi pelos missionários; por outro lado, a ausência da direção tupi-português confirmava “a orientação para falantes que conhecem o português, mas que têm pouco ou nenhum contato com a língua indígena.” (NUNES, 2015, p. 496). Será no século XVIII, conforme o autor, que irão aparecer os primeiros dicionários bilíngues tupi-português, prática que se intensificará no século XIX e que resultará, no final do século XIX, em direção ao tupi moderno:

No final do século XIX, surgem alguns dicionários bilíngues (de conversação, de tradução de lendas e mitos) que se voltam para línguas vivas indígenas faladas no Brasil Central e na Amazônia. Há um deslocamento do tupi antigo em direção ao tupi moderno. (NUNES, 2015, p. 502)

Nas notas de *O Guarani*, livro de meados do século XIX, a direção é, sobremaneira, da língua portuguesa para a língua indígena, o que nos permite pensar na ausência de leitores de língua indígena, bem como nos faculta aproximar o movimento do lugar do escritor daquele dos missionários: de aprendizado da língua. Não podemos, no entanto, não assinalar que estamos diante de notas em livro de literatura, espaço outro diferenciado de dicionários, objeto das observações de Nunes citadas anteriormente. Nesse sentido, podemos continuar a considerar a ausência de leitores em língua indígena e compreender o lugar do leitor, e não o do escritor, ambos como projeções imaginárias, como daquele

⁷ Língua indígena.

⁸ Língua portuguesa.

que é levado a saber da língua outra. E, indo adiante, compreender que saber sobre o indígena não se dá sem saber sobre sua língua. Por outro lado há, em *O Guarani*, alguns poucos verbetes em língua indígena, o que prenuncia a direção tupi-português, que iremos encontrar em *Iracema*. A presença de ambas as direções nos permite pensar em uma tensão entre esses dois movimentos: do português para o tupi e do tupi para o português. Ou melhor, em um movimento de passagem de uma direção a outra que irá se observar em *Iracema*, em que a orientação é, sobretudo, do tupi para o português.

Se, conforme Aurox (1990), dar muitas definições coloca em cena o problema de se distinguir, dentre todas as predicacões verdadeiras, aquela que constituiria o conjunto definitório, se, continuando com Aurox, dar muitas definições acena para o caráter impreciso da definição, o movimento contrário, qual seja, aquele da definição que não abre para a polissemia, produz o efeito da universalidade das ideias. É este, arriscaríamos, o jogo que a posição discursiva lexicógrafo-tradutor instaura nas notas de *O Guarani*. É interessante observar que este jogo se verifica também na explicação dada no interior da predicacão. Observe-se, no verbe a seguir, como o uso dos filamentos do ticum é posto como equivalente ao uso do linho pelos europeus:

Ticum- O ticum é uma palmeira de cujos filamentos os índios usavam como os europeus do linho. Dela se serviam para suas redes de pesca, para cordas de arco e outros misteres; o fio preparado por eles com a resina de almecega era fortíssimo. (*O Guarani*, nota 11)

Há que se registrar que as entradas dos verbetes de *O Guarani* consistem em um léxico composto, sobremaneira, por substantivos (nomes comuns e próprios)⁹. Diferentemente do que iremos observar nos verbetes de *Iracema*, nas notas de *O Guarani* não se encontram expressões, sintagmas ou orações. Tampouco a língua indígena é decomposta ou deriva. Estando no interior da predicacão ou encabeçando o verbe, o que se destaca como funcionamento da relação entre as línguas é o trabalho de equivalência entre dois universos linguísticos instaurado pela nomeação. Dois universos discursivos distintos são postos lado a lado, nivelados por enunciados definidores em que está em jogo a relação entre as coisas e seus nomes, as práticas ou os costumes e seus nomes. Tal movimento pode ser observado tanto com a da língua indígena no interior da predicacão, como se pode ler nos verbetes já apresentados, quanto com o nome indígena encabeçando o verbe. Observe-se a nota *Tamandaré* a seguir em que a fórmula *X é Y* faz equivaler *Tamandaré* e *Noé*:

Tamandaré: É o nome do Noé indígena. A tradição rezava que na ocasião do dilúvio ele escapara no olho de uma palmeira e depois povoara a terra. É a lenda que conta Peri. (*O Guarani*, nota 62)

Conforme Authier-Revuz, os comentários metaenunciativos podem colocar em cena quatro ordens de não coincidência. Uma delas apoia-se na não-coincidência entre as palavras e as coisas, que se articula sobre “as infinitas singularidades do real a nomear” (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 194). O jogo da nomeação inscreve-se nesta não-

⁹ Por exemplo, o verbe *Aventureiros*, que poderia indicar um adjetivo, resulta também em substantivo. “O costume que tinham os capitães daquele tempo de manterem um bando de aventureiros” [...] (*O Guarani*, nota 6). Há ainda poucos casos de sintagmas, como *Grande rio*, e um caso de oração, *Es livre*.

coincidência de diferentes maneiras; nas notas de Alencar, diremos que se dá pela ilusão de coincidência na tessitura da definição que faz equivaler dois léxicos. Um jogo interessante: assinala-se por vezes com itálico a diferença, mantém-se com ele a distância entre as línguas, e aproxima-as fazendo-as equivaler pela fórmula X é Y.

Uma última observação, são várias as predicções em que aparece o tempo passado trabalhando uma narrativa pretérita, como podemos ler nos verbetes *Veneno*, *Guanumbi*, *Biribá*, já expostos ou, entre alguns outros, como *Seta ervada*, a seguir:

Seta ervada – O *curaré* também servia aos índios para ervarem as suas setas, e nesse caso tinha uma preparação especial. Vide Gumilha, *Orenoco Ilustrado*. (*O Guarani*, nota 59, itálico do autor)

O tempo passado rompe com o tempo presente da definição (ESTEVES; MEDEIROS, 2017) e inscreve a temporalidade da memória. Se os enunciados definidores funcionam de forma a articular uma equivalência entre dois discursos, se o itálico, em movimento contrário, denuncia a dessimetria entre eles, talvez possamos pensar o tempo da narrativa funcionando como costura destes dois movimentos, opostos, na medida em que organiza como passado o memorável da tradição: língua, costumes, práticas que advêm do universo indígena, como lemos no verbe *Guanumbi* já exposto. Indo adiante, torna possível, no passado, a aproximação entre universos, ou ainda, sua não dessimetria. Uma observação: cabe indicar, já sinalizando para o outro romance aqui em foco, que este mesmo movimento se verifica em verbetes em *Iracema* (cf. mais adiante *Vieste*, *Mau espírito da floresta*, *Estrela morta*, *Tabajara*, *Maracá*, *Jaci*, *Ará*, *Pocema*, *Buçã*, já vistos), ou ainda em:

Batuieté: narceja ilustre, de *batuíra* e *eté*. Apelido que tomara o chefe pitiguara, e que na linguagem figurada valia tanto como valente nadador. É o nome de uma serra fertilíssima e da comarca que ela ocupa. (*Iracema*, nota 90, itálico do autor)

Mas lá entram em cena outros aspectos sobre os quais iremos nos limitar mais adiante. Enfim, as notas de Alencar nestes dois romances dão a ver uma erudição tecida em livros, em manuscritos, ou seja, denunciam um intenso trabalho de leitura de arquivo – aqui estamos novamente trazendo Nunes (2015) ao sintetizar o fazer de Gonçalves Dias em seu dicionário (*Dicionário da Língua Tupi chamada língua geral dos indígenas do Brasil*, 1Lipsia: F. A. Brochhausm 1958). Se, em *O Guarani*, as notas são repletas de referências a consultas sobre a língua que nelas não se contestam, não é o caso em *Iracema*.

3 IRACEMA

O romance *Iracema*, em sua primeira edição de 1865, vem acompanhado de vários textos que o margeiam – *Prólogo*, *Argumento histórico*, *Carta ao Dr. Jaguaribe* e notas de rodapé compondo um total de mais de cento e vinte verbetes. Neste material encontra-se uma reflexão interessante, entre outras, sobre notas e sobre prólogo. Por exemplo, tece-se um prólogo e nele lemos sua aversão a eles:

Mas sempre fui avesso aos prólogos, em meu conceito eles fazem à obra o mesmo que o pássaro à fruta antes de colhida; roubam as primícias do sabor literário. Por isso me reservo para depois.

Na última página me encontrará de novo; então conversaremos a gosto, em mais liberdade do que teríamos neste pórtico do livro, onde a etiqueta manda receber o público com a gravidade e reverência devida a tão alto senhor. (ALENCAR, *Prólogo* à Primeira edição de *Iracema*, datado de maio de 1865).

No *Argumento histórico* dá-se relevo às notas:

Este é o argumento histórico da lenda; em notas especiais se indicarão alguns outros subsídios recebidos dos cronistas do tempo. (ALENCAR, *Argumento histórico*)

E o texto ao final do livro, a *Carta ao Dr. Jaguaribe*, se abre indagando acerca da leitura do livro e das notas, para poder iniciar conversa,

Eis-me de novo, conforme o prometido.

Já leu o livro e as notas que o acompanham; conversemos pois. (ALENCAR, *Carta ao Dr. Jaguaribe*, datada de agosto de 1865)

Entretanto, a certa altura da carta, aponta as notas como grilos que atrapalham a leitura e mostra dúvidas quanto a sua publicação, que ocorre a despeito da hesitação.

Que fazer? Encher o livro de grilos que o tornariam mais confuso para que os entendidos proferissem o veredito literário Dar leitura dela a um círculo escolhido, que emitisse juízo ilustrado? (ALENCAR, *Carta ao Dr. Jaguaribe*, datada de agosto de 1865)

Eis uma pergunta que nos fizemos ao ler tais matérias: retórica da dúvida ou a tensão na prática literária do século XIX?

Em outro trabalho (MEDEIROS, 2017b), uma autora é recuperada – Abreu (2011) – para pensar o movimento das notas de rodapé na escrita literária do século XIX no Brasil. Conforme Abreu, era comum constar dos romances brasileiros do século XIX textos outros, antecedendo ou se pospondo aos romances, como forma de exposição e defesa de suas teorias literárias, o que também ocorria nas notas de rodapé. Trata-se de prática do romantismo brasileiro que se relacionava à “mais requintada tradição literária europeia” (ABREU, 2011, p. 21) e que resultava em um modelo literário. Ela explica: “Não é acidental, portanto, o fato de o romantismo brasileiro ter se definido e concretizado através de um ‘culto’ ao documento, ao factual, para só aí formular a ficção”. (2011, p. 51). Ainda no que diz respeito a Alencar, a autora nos avisa:

O modelo literário almejado por Alencar, em conformidade com tais propósitos, comporta uma exigência de caráter documental, indo ao encontro dos anseios de realização ficcional dos românticos; documento esse que serviria de base às descrições dos livros. (ABREU, 2011, p. 68)

Observe-se o comentário na *Carta ao Dr. Jaguaribe* em que à lenda, tal como lemos no *Argumento Histórico*, se sobrepõe outra forma de escrita, qual seja, aquela do ensaio:

Este livro é, pois, um ensaio ou antes mostra. Verá realizadas nele minhas ideias a respeito da literatura nacional; e achará aí poesia inteiramente brasileira, haurida na língua dos selvagens. A etimologia dos nomes de diversas localidades e certos modos de dizer tirado da composição das palavras são de cunho original. (ALENCAR, *Carta ao Dr. Jaguaribe*, datada de agosto de 1865)

Idas e vindas, diremos, que nos indicam práticas já existentes (como a da advertência que antecede romances, ou ainda a das notas, ambas não somente em Alencar) e que nos permitem constatar a importância dos textos que margeiam os romances no século XIX no Brasil e a sua relação com a escrita da história (a esse respeito, cf. GRAFTON, 2013).

Na cabeça das notas em *Iracema* encontram-se, de modo expressivo, palavras referidas como de línguas indígenas ao lado de palavras, sintagmas e orações em língua portuguesa que remetem para língua e costumes indígenas. No interior dos verbetes, o leitor se depara ainda com um universo linguístico indígena expandido para expressões, orações, atos de dizer que denunciam formas outras de significar o mundo. Em outras palavras, nas notas de *Iracema* encontra-se um denso investimento sobre língua indígena que não se lia em *O Guarani*.

Os verbetes compõem dois grandes gestos sobre línguas indígenas: um, em que o termo se mostra na cabeça do verbete em língua indígena; outro, em que na cabeça do verbete *se lê* a tradução em língua portuguesa, podendo a língua indígena se fazer presente ou não na predicação. Observem-se os exemplos a seguir, em que os três primeiros fazem parte do primeiro gesto, e os outros três configuram o segundo:

1°:

Uiraçaba: aljava, de *uira* – seta, e a desinência *çaba* – coisa própria. (*Iracema*, nota 14, itálico do autor)

Piroquara: de *pira* – peixe, e *coara* – toca. (*Iracema*, nota 83, itálico do autor)

Igaçaba: vaso, pote, de *ig* – água, e a desinência *çaba* – coisa própria. (*Iracema*, nota 17, itálico do autor)

2°:

Vieste - A saudação usual da hospitalidade era esta: *Êre iobê* - tu viestes?

Pa-aiotu – vim sim. *Augebe* – bem dito. Veja-se Lery, pag. 286. (*Iracema*, nota 18, itálico do autor)

Mau espírito da floresta: Os indígenas chamavam a esses espíritos *caa-pora*, habitantes da mata, donde por corrupção veio a palavra caipora, introduzida na língua portuguesa em sentido figurado. (*Iracema*, nota 23, itálico do autor)

Estrela morta: A estrela polar, por causa da sua imobilidade; orientavam-se por ela os selvagens durante a noite. (*Iracema*, nota 28, itálico do autor)

Como ocorria no romance anterior, a língua indígena continua a se inscrever em itálico. Continua, pois, a comparecer como heterogeneidade mostrada e marcada, alteridade a ser compreendida. Contudo, há distinções significativas no modo como ela é trabalhada nos verbetes.

De imediato, é a língua indígena que está em foco, isto é, está em cena a forma como se denomina o mundo, o modo como se organiza para significá-lo, a forma como se estrutura e suas possibilidades. As notas de rodapé em *Iracema* se voltam predominantemente para a língua indígena; algumas se debruçam sobre seus costumes e apenas duas se destinam ao universo do colonizador. Ei-las:

Martim: da origem latina de seu nome, procedente de marte, deduz o estrangeiro a significação que lhe dá. (*Iracema*, nota 21)

Albuquerque: Jerônimo de Albuquerque, chefe da expedição ao Maranhão em 1612. (*Iracema*, nota 126)

Como se pode observar, consistem em verbetes para nomes próprios de linhagem portuguesa. É produtivo confrontá-los com verbetes para nomes próprios de linhagem indígena.

Moacir: filho do sofrimento: de *moacy* – dor, e *ira* – desinência que significa saído de. (*Iracema*, nota 117, itálico do autor)

Tabajara: senhor das aldeias, de *taba* – aldeia, e *jara* – senhor. Esta nação dominava o interior da província, especialmente a Serra da Ibiapaba. (*Iracema*, nota 7, itálico do autor)

Aratanha: de *arara* – ave, e *tanha* – bico. Serra muito fértil e cultivada, em continuação da de Maranguape. (*Iracema*, nota 103, itálico do autor)

Se, em *O Guarani*, tínhamos nomes próprios que remetiam para linhagem portuguesa, agora os nomes próprios que encabeçam os verbetes de *Iracema* são majoritariamente de origem indígena. Eles indicam personagens bem como lugares, serras, lagos, rios. Não há topônimos que não se apresentem com nomes indígenas. Com efeito, a geografia é fartamente indicada pela nomeação indígena. E, diferentemente da forma como se predicam nomes próprios não indígenas, aqueles de origem indígena são apresentados em verbetes que os decompõem indicando suas raízes e desinências, o que não se lê em *Martim* ou *Albuquerque*. Indo adiante, a nomeação da fauna e flora em *Iracema* também se dá apenas pela língua indígena, diferentemente do que se vê no romance anterior. Observem-se, por exemplo, *Graciola*, verbete de *O Guarani*, e *Acauã*, de *Iracema*.

Graciola - É o nome científico que Fr. Veloso na sua *Flora Fluminense* dá à pequena flor azul de um arbusto indígena. (nota 21, *O Guarani*)

Acauã – ave inimiga das cobras, de *caa* – pau, e *uan*, do verbo *u* – comer. Diz Aires do Casal que lhe vem o nome do grito que solta. (nota 64, *Iracema*)

Em ambos, recuperam-se as fontes da nomeação. No primeiro caso, a nomeação não advém do universo indígena, mas dos estudos de Fr. Veloso. No segundo, a nomeação advém da língua indígena. E aqui é proveitoso observar que, a despeito da referência, Aires do Casal, indicando a proveniência da palavra como advinda do grito que uma certa ave solta, está em cena a recuperação das partes da palavra indígena, seus sentidos e categorias gramaticais: “*caa* – pau e *uan*, do verbo *u*, comer”.

Uma ressalva importante: estamos adentrando os verbetes do primeiro eixo, a saber, aqueles cuja entrada é pela língua indígena. Trata-se de um eixo que comporta maior número de verbetes. Mas adiante trataremos do segundo eixo.

A decomposição da palavra é uma marca significativa dos verbetes de Iracema: praticamente todas as palavras indígenas são decompostas: Uiraçaba, Piroquara, Igaçaba, Moacir, Tabajara, Aratanha, já expostas. Vejam-se ainda os verbetes a seguir:

Maracá: pendão de guerra; de *marã* – combate, e *aca* – chifre, ponta. O maracá servia de estandarte aos tupis. (*Iracema*, nota 23, itálico do autor)

Ibiapina: de *iby* – terra, e *apino* – tosquiar. (*Iracema*, nota 76, itálico do autor)

Na predicação, como se pode ver, vai se fazendo saber das partes da língua indígena, de suas categorias gramaticais (como vimos em *Acauã* e como podemos ler em *Jaci*, *Guará*), de sua forma de dar ênfase ou força às palavras (*Guará*), da possibilidade morfológica de expressão de grau de forma interna (sintética) à palavra (*Ará*).

Jaci: a lua. Do pronome *já* – nós e *cy* – mãe. A lua exprimia o mês para os selvagens; e seu nascimento era sempre por eles festejado. (*Iracema*, nota 68, itálico do autor).

Guará: cão selvagem, lobo brasileiro. Provém esta palavra do verbo *u* – comer, do qual se forma com o relativo *g* e a desinência *ara* o verbal *g-u-ára* – o comedor. A sílaba final longa é a partícula propositiva *á*, que serve para dar força à palavra. *G-u-ára-á* – realmente comedor, voraz. (*Iracema*, nota 47, itálico do autor)

Ará: periquito. Os indígenas como aumentativo usavam repetir a última sílaba da palavra e às vezes toda a palavra, como *murémuré*. *Muré* – fruta¹⁰, *murémuré* – grande fruta. *Arará* vinha a ser, pois, o aumentativo de *ará* e significaria a espécie maior do gênero. (*Iracema*, nota 10, itálico do autor).

Mostra-se que ela deriva e como ocorre a derivação, como se pode ler em *Jandaia*:

Jandaia: este nome que anda escrito por diversas maneiras, *nhendaia*, *nhandaia*, e em todas alterado, é apenas um adjetivo qualificativo do substantivo *ará*. Deriva-se ele das palavras *nheng* – falar, *antan* – duro, forte, áspero, e *ara* – desinência verbal que exprime o agente: *nh'ant'ara*; substituído o *t* por *d* e o *r* por *i*, tornou-se *nhandaia*, donde *jandaia*, que se traduzirá por periquito grasnador. Do canto desta ave, como se viu, é que vem o nome de Ceará, segundo a etimologia que lhe dá tradição. (*Iracema*, nota 50, itálico do autor)

Dá-se a saber que ela adentra a língua portuguesa (*Capoeira*) e nela circula (*pocema*). E ainda que se faz também presente na língua francesa (*Bucã*):

Capoeira: corruptela de *caa-apuam-era*, que significa ilha de mato já cortado uma vez (*Iracema*, nota 40, itálico do autor)

Pocema: grande alarido que faziam os selvagens nas ocasiões de alegria; é palavra adotada já na língua portuguesa e inserida no dicionário de Moraes. Vem de *po* – mão, e *cemo* clamar: clamor das mãos, porque os selvagens acompanhavam o vozear com o bater das palmas e das armas. (*Iracema*, nota 35, itálico do autor)

¹⁰ Conforme ortografia registrada ainda em edições recentes, por exemplo, em *Iracema*, 2012.

Bucã: significa uma espécie de grelha que os selvagens faziam para assar a caça; daí vem o verbo francês *boucaner*. A palavra provém da língua tupi ou guarani. (*Iracema*, nota 70, itálico do autor)

Com a decomposição e a derivação mostra-se a potência da sua morfologia e indica-se sua força para adentrar e se fazer léxico em outras línguas. Nos verbetes se expõe ainda que se trata de uma língua que varia no dizer (*Oitibó*, *Noitibó*). Neste caso, é interessante observar o movimento de fixação do léxico ao se ter uma só entrada (*Oitibó*):

Oitibó: é uma ave noturna; espécie de coruja. Outros dizem *noitibó*. (*Iracema*, nota 30, itálico do autor).

A captura da língua indígena, como se pode ler nos verbetes de *Iracema*, não se faz sem uma densa explicitação metalinguística. Observe-se o verbete a seguir, em que se recupera a ortografia para indicar problemas que diferentes versões ortográficas geram para o conhecimento da etimologia da palavra. É pela decomposição que se chega a sua formação e aos sentidos:

Pitiguara: grande nação de índios que habitava o litoral da província e estendia-se desde o Parnaíba até o Rio Grande do Norte. A ortografia do nome anda muito viciada nas diferentes versões, pelo que se tornou difícil conhecer a etimologia. *Iby* significava terra; *iby-tira* veio a significar serra ou terra alta. Aos vales chamavam os indígenas de *iby-tira-cua* – cintura das montanhas. A desinência *jara* – senhor, acrescentada, formou a palavra *ibiticuara*, que por corrupção deu *Pitiguara* – senhores dos vales. (*Iracema*, nota 19, itálico do autor)

Não mais em posição sintática de complemento, como se leu em *O Guarani*, o movimento, no gesto que confere à cabeça do verbete a língua indígena, é o que vai da língua indígena em direção à língua portuguesa. As notas revelam um intenso labor lexicográfico, compondo, como já proposto em outros trabalhos, glossários sobre a língua (MEDEIROS, 2016b). Grande parte dos verbetes pode ser lida independentemente do texto, o que nos autoriza pensar que funcionam como dicionário bilíngue de língua indígena para língua portuguesa, revelando, assim, um trabalho de gramatização de línguas indígenas (AUROUX, 1989, 1992) na relação com a língua portuguesa.

Conforme Auroux, o processo de gramatização não ocorre sem “transferência de tecnologia de uma língua para outras línguas” (1992, p. 74) e, em tal processo, é preciso considerar “os sujeitos que efetuam a transferência”, isto é, se eles são ou não “locutores nativos da língua para a qual ocorre a transferência”. No primeiro caso, estamos diante de uma endotransferência de tecnologia e, com isso, em situação de endogramatização; no segundo caso, em situação de exotransferência de tecnologia e, portanto, de exogramatização. Em *Iracema*, então, observa-se um processo de exotransferência. Nesse processo é significativo perceber como a descrição da língua indígena se dá a partir de categorias da língua portuguesa. Retorne-se, por exemplo, a *ará*: “Os indígenas como aumentativo usavam repetir a última sílaba da palavra e às vezes toda a palavra [...]”.

Ainda sobre este grande e mais saliente eixo, importa refletir sobre o modo como se apresentam os enunciados definidores. Em *O Guarani*, como vimos, predominava o que indicamos como fórmulas da equivalência; agora, outras formas de enunciados definidores saltam aos olhos pela sua recorrência. Em primeiro lugar, aquele mais produtivo é o da derivação, de duas formas, como vimos em *Uiraçaba*, *Piroquara*, *Moacir*, *Tabajara*, *Aratanha*, *Maracá*, *Jaci*, *Ibiapina*, por exemplo.

$X (LI): Y (LP) \text{ de } X1 \text{ e } X2$ (partes decompostas da língua indígena) ou

$X (LI): \text{ de } X1 \text{ e } X2$ (partes decompostas da língua indígena), $Y (LP)$,

Em suma, o que se configura como marca significativa dos verbetes em *Iracema* é a decomposição: nelas ficamos sabendo como ocorre, por exemplo, a formação de palavras, algo que não tínhamos em *O Guarani*.

Além destas duas fórmulas, cabe destacar duas outras recorrentes:

$X (LI) \text{ é } Y (LP) \text{ e}$

$X (LI) = Y (LP)$.

Com a primeira também se verifica a derivação, observem-se os verbetes *Maracá*, *Jaci*, *oitibó*, já citados anteriormente. Com a segunda, não se tem decomposição. Observem-se, a seguir, *anajê* e *cuandu*.

Anajê: gavião (*Iracema*, nota 59)

Cuandu: porco-espinho (*Iracema*, nota 74)

Estamos diante de um deslocamento sutil no movimento da equivalência, agora para a sinonímia, que produz o efeito de correlação entre um e outro: um movimento promovido pelo apagamento dos verbos que ligavam significantes de universos discursivos distintos. O gesto costura de forma mais aguda a aproximação entre mundos distintos ($X = Y$), acentuando a universalidade das ideias. Os nomes é que são distintos, eis o que tal fórmula nos permite supor.

Em *Iracema*, começa ainda a comparecer, no trabalho com a sinonímia, a polissemia (como já vimos, *Igaçaba*, em *Guará*) ou em *Itaoca*, a seguir:

Itaoca: casa de pedra, fortaleza. (*Iracema*, nota 123)

Nunes (2006) lembra que o

trabalho com a sinonímia pode nos conduzir a duas imagens de língua, que chamaremos de 'abundância' e de 'justeza'. A imagem da abundância é aquela de uma profusão de sinônimos, de um léxico 'rico'. A da justeza é a de um léxico conciso, em que as palavras são medidas e as diferenças explicitadas. (NUNES, 2006, p. 154).

Nos verbetes de *Iracema*, diremos que estamos diante da segunda imagem, da justeza. Mas o que importa destacar é que a sinonímia é posta na língua portuguesa; é ela que comporta sinonímia. Tal funcionamento nos possibilita voltar à língua indígena para

sobre ela pensar algumas imagens possíveis: como concisa, uma vez que um item lexical em língua indígena abriria para vários sentidos em língua outra; como menos rica, pelo mesmo motivo, no caso, indicando que não se trata de uma língua que apresente sinonímia. Se, no entanto, tomarmos o funcionamento da sinonímia como impossibilidade de precisão e de demarcação de sentido (é preciso dizer mais e mais e mais em outras palavras em busca da justeza), uma terceira imagem ainda é possível: do lugar equívoco. E aí voltamos à predicação: casa de pedra ou fortaleza? Quem se equivoca?

Para continuar a reflexão, passemos ao segundo eixo, qual seja, aquele em que, na cabeça do verbete, encontra-se a língua portuguesa como tradução da língua indígena.

No início de nossa análise dos verbetes em *Iracema*, trouxemos três entradas: *Vieste*, *Mau espírito da floresta* e *Estrela morta*. Eles constituem três movimentos distintos neste segundo eixo – e, cabe acrescentar, movimento que não constitui prática em *O Guarani*.

Em primeiro lugar, em *Vieste*, temos a equivalência entre as línguas posta em situações de comunicação. *Vieste* funciona como tradução de “*Êre iobê – tu viestes?*” no diálogo a que se dá continuidade: “*Pa- aiotu – vim sim. Augebe – bem dito*”. De modo distinto, *O Guarani* se debruçava sobre um ou outro item lexical, aqui a língua *vai* sendo indicada em seu uso, em suas formas de comunicação cotidiana. Um diálogo é posto em paridade entre línguas simulando um “quando se diz X lá se diz Y aqui”.

Como já dito, orações, sintagmas, situações de comunicação se fazem presentes nas notas de *Iracema*. Em *Vieste* bem como em *Mau espírito da floresta*, segundo movimento do que estamos indicando como segundo eixo, a língua indígena aparece na predicação, tal como lemos em *Vieste*. Mas há aí algumas sutilezas a serem destacadas. Observem-se os verbetes a seguir:

Fogos de alegria: chamavam os selvagens *tory* os fochos ou fogos, e *toryba* – alegria, festa, grande cópia de fochos. (*Iracema*, nota 69)

Cabelos de sol: em tupi *guaraciaba*. Assim chamavam os indígenas aos europeus que tinham os cabelos louros. (*Iracema*, nota 43).

Rio que forma braço ao mar: é o Parnaíba, rio de Piauí. Vem de *pará* – mar, *nhanne* – correr, e *hyba* – braços; braço corrente do mar. Geralmente se diz que *pará* significa rio e *paraná*, mar: é inteiramente o contrário. (*Iracema*, nota 86)

Chupou tua alma: criança em tupi é *pitanga*, de *pitêr* – chupar, e *anga* – alma: chupa alma. Seria porque as crianças atraem e deleitam aos que as vem? ou porque absorvem uma porção da alma dos pais? Caubi fala neste último sentido. (*Iracema*, nota 118)

Neles, voltamos à direção da língua portuguesa para língua indígena que se assinalou em *O Guarani*, e, em consonância ao que lá ocorria, a língua indígena se faz presente, por vezes, em posição de complemento (observe-se em *Fogos de alegria* ou *Cabelos de sol*). Contudo, algo neles se acrescenta e se faz saliente: a explicação sobre as alusões, a captura do universo indígena pelo modo de dar sentido ao mundo, como se pode ler em *Chupou tua alma*, *Cabelos de sol* ou ainda em *O dia vai ficar triste*, em que se persegue os desdobramentos semânticos da língua:

O dia vai ficar triste: os tupis chamavam a tarde *caruca*, segundo o dicionário. Segundo Léry, *che caric acy* significa “estou triste”. Qual destes era o sentido figurado da palavra? Tiraram a imagem da tristeza, da sombra da tarde, ou imagem do crepúsculo, do torvamento do espírito? (*Iracema*, nota 47, itálico do autor)

Estes verbetes nos permitem observar algo que entra em cena em relação às línguas indígenas nas notas de *Iracema*: a forma de metaforizar o mundo. Para além de se expor as partes dos itens lexicais, dos sintagmas, está em jogo a compreensão da metaforização do mundo. E aí podemos entrever a complexidade da posição lexicógrafo-tradutor. Se, ousamos dizer, o lexicógrafo, ao decompor palavras, indicar partes e sentidos, opina, assevera, garante e atesta sobre a língua, agora, diante da metáfora, o tradutor tateia, hesita, indaga.

Seguindo adiante, observe-se o verbete a seguir que indicamos como terceiro movimento neste segundo eixo. Trata-se de *estrela morta*, posta como equivalente a *estrela polar*. Com estrela morta indica-se uma outra forma de metaforizar aquilo que se nomeia como estrela polar: posição no hemisfério em um universo linguístico agora significada pela metáfora da morte, por sua imobilidade, em outro universo linguístico.

Estrela morta: A estrela polar, por causa da sua imobilidade, orientava por ela os selvagens durante a noite. (*Iracema*, nota 28)

Língua indígena e língua portuguesa são aproximadas em suas distintas formas de significação: é como se ambos os universos considerassem um mesmo referente, mas o significassem de maneiras distintas. A aproximação não se verifica mais, então, nas categorias gramaticais que se encontram em uma ou em outra, mas pela forma de significar o mundo, ou ainda, pela semantização do mundo. Ambos significariam um mesmo mundo, apenas por caminhos distintos que cabe compreender. E, nessa captura da língua indígena, desaparece também o itálico, a marca que a configura como alteridade.

É interessante notar que esta terceira forma de tratamento da língua indígena perfaz um movimento contraditório: por um lado, aproxima língua indígena da língua portuguesa. É como se dissesse: o mundo é o mesmo, basta compreender como se diz e como se significa naquele universo que se desconhece. Por outro lado, promove-se o apagamento da língua indígena ao se dizer em língua portuguesa estrela morta, isto é, ao se traduzir sua metáfora. Em outras palavras, o movimento de aproximação da língua indígena com a portuguesa não se dá sem o encobrimento da língua indígena. E, assim, ousamos dizer, no lugar da palavra ou expressão, fica a metáfora e a forma de pensar o mundo.

4 POR UMA PAUSA

Muito fica sempre por analisar, dada a riqueza dessas notas-verbetes nos romances de Alencar. Na reflexão que empreendemos, destacamos *O Guarani* e *Iracema* como comportando dois momentos distintos na mediação entre as línguas em suas notas: no primeiro, em que a língua indígena quase não se mostra, e, no segundo, em que se confere

a ela visibilidade e se denuncia seu viço. Talvez possamos dizer que os dois romances recobrem dois momentos distintos de captura da língua outra: inicialmente, em *O Guarani*, o de tomada de uma língua outra na medida em que a apre(e)nde. Cabe lembrar que tal funcionamento permanece em *Iracema*, mas aí se inscreve um segundo funcionamento: o da identificação plena (PÊCHEUX, 1988)¹¹ engendrada pela posição tradutor como aquela autorizada a poder dizer em outra língua¹². Daí o que indicamos como retórica da mediação, um “eu falo pelo outro”, falo da língua de que sou sabedor e a mostro como uma língua que se pode aproximar em diferentes instâncias da língua portuguesa.

A despeito das diferenças, como tentamos mostrar, em ambos está em jogo um movimento de aproximação para com a língua indígena, de equivalência e de equiparação entre elas; não sem resultar também no apagamento da palavra na língua outra, como observado. Talvez possamos compreender este gesto de dizer pelo outro como um movimento para uma língua outra que servirá de morada para a nacionalidade da literatura brasileira:

O conhecimento da língua indígena é o melhor critério para a nacionalidade da literatura. Ele nos dá não só o verdadeiro estilo como também as imagens poéticas do selvagem, os modos de seu pensamento, as tendências de seu espírito e até as menores particularidades de sua vida. (ALENCAR, *Carta ao Dr. Jaguaribe*, na 1ª. edição de *Iracema*)

Além de *O Guarani* e *Iracema*, o romance *Ubirajara* também comporta verbetes indianistas. Fica a pergunta-proposta: o que fica e o que muda na relação entre as línguas nos verbetes de *Ubirajara*?

REFERÊNCIAS

- ABREU, M. M. *Ao pé da página: a dupla narrativa de José de Alencar*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2011.
- ALENCAR, J. de. *O Guarani*. Rio de Janeiro: Empreza Nacional do Diário, 1857. (Biblioteca Brasileira)
- ALENCAR, J. de. *O Guarani*. In: ALENCAR, J. de. *Obras completas*. Vol. 2. Rio de Janeiro: Ed. Aguilar, 1957.
- ALENCAR, J. de. *Iracema*. Rio de Janeiro: Typ. De Vianna & Filhos, 1865 (In: Biblioteca Brasileira).
- ALENCAR, J. de. *Iracema*. In: ALENCAR, J. de. *Obras completas*. Vol. 3. Rio de Janeiro: Ed. Aguilar, 1957.
- ALENCAR, J. de. *Iracema*. Porto Alegre: L&PM, 2012.
- AUROUX, S. La définition et la théorie des idées. In: CHAURAN; MAZIERE, F. *La définition*. Paris : Larousse, 1990.
- AUROUX, S. *Histoire des idées linguistiques*. La naissance des métalangues en Orient et en Occident. Tome 1. Bruxelles: Galerie des Princes, 1989.

¹¹ A identificação plena é da ordem da evidência, ou melhor, da eficácia da interpelação em uma formação discursiva (cf. PÊCHEUX, 1988, p. 101, 126-127).

¹² Estamos fazendo uso, em nossa análise, de algumas das reflexões de Mittmann (2008) sobre processos tradutórios.

- AUROUX, S. *A revolução tecnológica da gramatização*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1992.
- AUTHIER-REVUZ, J. *Palavras incertas*. Campinas: Ed. Unicamp, 1998.
- ESTEVES, P. M. da S.; MEDEIROS, V. O presente dura muito tempo. In: SOUSA, L. M. A.; GARCIA, D. A. (Org.). *Ler Althusser hoje*. São Paulo: Ed. da UFSCAR, 2017.
- GINZBURG, C. *O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- GRAFTON, A. *As origens trágicas da erudição: pequeno tratado sobre a nota de rodapé*. Campinas: Papyrus, 1998.
- HARTOG, F. *Evidência da história: o que os historiadores veem*. Belo Horizonte: Autentica, 2013.
- MEDEIROS, V. Uma reflexão sobre intervenções dos escritores e o efeito verdade. In: FLORES, G. G. B. et alii (Org.). *Análise de Discurso em rede: cultura e mídia*. V. 3. Campinas: Pontes, 2017a. p. 131-142.
- MEDEIROS, V. Na urdidura das notas de rodapé, arquivos da língua. In: VENTURINI, M. C. *Museus, arquivos e produção do conhecimento em (dis)curso*. Campinas: Pontes, 2017b.
- MEDEIROS, V. Cartografias das línguas: glossários para livros de literatura. *Alfa*, v. 60, n. 1, p. 79-93, .
- MEDEIROS, V. Língua e sujeito na captura da palavra. In: NUNES, S. R. et alii (Org.) *Sujeito e memória: lugares constitutivos*. Campinas (SP): Pontes, 2016b. (Coleção Enalich)
- MITTMANN, S. A autoria e tradução: da dispersão às identificações. In: MITTMANN, S.; GRIGOLETTO, E.; CAZARIN, E. (Org.). *Práticas discursivas e identitárias: sujeito e língua*. Porto Alegre: Nova Prova, 2008. (Coleção Ensaios n. 22)
- NUNES, J. H. Definição lexicográfica e discurso. *Línguas e Instrumentos Linguísticos*, Campinas, n. 11, 2003.
- NUNES, J. H. Lexicologia e lexicografia. In: GUIMARÃES, E.; ZOPPI-FONTANA, M. (Org.). *Introdução às ciências da linguagem: a palavra e a frase*. Campinas: Pontes, 2006.
- NUNES, J. H. A inversão de português-tupi para tupi-português nos dicionários bilíngues. In: ARCHAIMBAULT, S.; FOURNIER, J.-M.; RABY, V. *Penser l'histoire des savoirs linguistiques*. Paris: ENS Ed., 2015.
- REY-DEBOVE, J. Léxico e dicionário. *Revista Alfa*, n. 28, p. 45-49, 1984.
- ORLANDI, E. P. *Língua e conhecimento linguístico: para uma História das Ideias no Brasil*. São Paulo: Cortez, 2002.
- ORLANDI, E. P. (Org.). *História das idéias políticas: construção do saber metalingüístico e constituição de língua nacional*. Campinas (SP): Ed. Pontes; Cáceres: UNEMAT, 2001.
- PÊCHEUX, M. Ler o arquivo hoje. In: ORLANDI, E. P. (Org.). *Gestos de leitura: da história no discurso*. Campinas (SP): Ed. UNICAMP, 1997. p. 55-66.
- PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso*. Campinas: Ed. UNICAMP, 1988.

AGRADECIMENTOS

Este artigo contou com apoio da Bolsa de Produtividade CNPq (Processo 304195/2015-4) e com apoio CNE FAPERJ (Processo E-26/203.310/2017), que agradecemos.



Este texto está licenciado com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.